



## INFÂNCIA FEMININA E INFÂNCIA MASCULINA: REDES, COSTUMES, COMPORTAMENTOS E PODERES EM MEMORIAIS DE INFÂNCIA DE ACADÊMICAS – DOURADOS/MS

Daiane Joice Schuindt Fernandes (daianeschuindt\_@outlook.com)

Míria Izabel Campos (miriacampos@ufgd.edu.br)

Nas memórias de infância de mulheres muitas são as histórias que contam de desigualdades de gênero nas vivências de meninas e meninos. Nas diferentes figurações as quais elas são constituídas e ajudam a constituir, a partir da teoria do processo civilizador desenvolvida pelo sociólogo alemão Norbert Elias (1897 – 1990), entende-se que os jogos de poder, nos quais todas e todos estão envolvidos, impingem força e tensão em busca do equilíbrio da ‘balança de poder’. Nesse contexto teórico, o objetivo da pesquisa foi conhecer, compreender e refletir sobre redes, costumes, comportamentos e poderes registrados em histórias escritas por mulheres acadêmicas do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A metodologia se pautou, primeiramente, em estudos teóricos sobre as temáticas que envolveram a proposta, sendo elas, infância feminina, infância masculina, processo civilizador, pesquisas (auto)biográficas e gênero. Posteriormente, foram efetuadas investigações e análises em 13 memoriais de infância (auto)biográficos, documentos que formaram o corpus da pesquisa, os quais foram escritos por acadêmicas em processo de formação inicial e que fazem parte de arquivo pessoal de uma professora da graduação do referido curso. Os memoriais foram redigidos entre os anos 2013 e 2017 por mulheres nascidas nas décadas de 1980 e 1990, no estado de Mato Grosso do Sul. Os resultados apontaram que, em muitos casos, as mulheres acadêmicas viveram condicionadas a uma educação coercitiva com formas de submissão e controle estabelecidos a elas, que se comparada à história da infância de meninos, sugere uma diferença significativa para os dois gêneros. Ficou entendido, a partir das histórias escritas, que na sociedade contemporânea ainda há uma educação hierárquica com desigualdades e formas de poderes impostos, na qual o homem deve dominar o público e a mulher tem que se submeter ao privado, sendo estigmatizada quando quer estar presente em ambientes ‘destinados’ aos homens. Quanto à educação direcionada às meninas na sociedade, a preocupação principal é a necessidade de inculcar ‘recato’, isto é, sentimento de vergonha, medo, embaraço, culpa ou, mais exatamente, comportamentos que se conformem ao padrão social entendido como ‘correto’. Dessa forma, após a análise dos relatos registrados nos 13 memoriais de infância (auto)biográficos pode-se refletir e concluir que a educação das mulheres acadêmicas foi bastante restritiva e desigual, indicando a necessidade de se quebrar os paradigmas e tabus nas diferentes redes de poderes comportamentais e espaços sociais, pois é preciso haver a igualdade de gênero desde a infância, evitando abusos físicos, psicológicos, sociais e econômicos, garantindo acesso e equalização à educação para meninas e meninos.